

Índice

UE: Criar uma nova ordem mundial para travar Donald Trump	9
De como a maneira de derrotar Trump é um segredo que está na Europa	15
Deveria Donald Trump ser Prémio Nobel da Paz?	21
Donald Trump: Um sapo abraçado a uma garrafa de cerveja	27
Os nossos ópios do povo	31
Hegel e o “humor objetivo” de Donald Trump	37
O subtexto emancipatório do casamento real britânico	43
Felicidade? Não, obrigado!	47
O sexo e 68 — o movimento liberal revolucionou a “sexualidade”, mas a que custo?	57
O 68 deles e o nosso	63
O sexo no mundo moderno: Pode um “sim, sim, sim” querer realmente dizer “não”?	73
Direitos para os robôs sexuais?	79
Se Jordan Peterson parece convincente a tanta gente, é porque a esquerda não é capaz de pôr ordem nas suas ideias	83
<i>Quasi Duo Fantasias</i> : Leo Strauss como espectador de <i>Black Panther</i>	87
<i>Blade Runner 2049</i> : Uma imagem do capitalismo pós-humano	93
Passados 200 anos, Marx está morto, vivo ou morto-vivo?	105
Uso e abusos da neuroteologia	119
Problemas de identidade	125
O politicamente correto no Vaticano	131
Nota	137



UE: Criar uma nova ordem mundial para travar Donald Trump

Enquanto a maior parte dos outros líderes ocidentais cruzam os braços e cometem erros, Donald Trump reforça politicamente o seu poder arrogante. A única maneira de o travar é criar uma verdadeira nova ordem mundial.

As decisões impulsivas de Trump, como a sua recusa de aceitar a declaração do G7 aprovada no Quebec*, não são simples expressão dos seus caprichos pessoais. São, pelo contrário, reações ao fim de uma época do sistema económico global, reações que assentam numa compreensão inadequada do que está a acontecer. No entanto, a visão distorcida de Trump baseia-se, apesar de tudo, na intuição acertada de que o sistema global existente deixou de funcionar.

Há um ciclo económico que está a chegar ao fim e que teve início no começo da década de 1970, nessa época em que nasceu aquilo a que Yanis Varoufakis chama o “Minotauro Global”, esse monstruoso motor que dirigiu a economia mundial entre os princípios da década de 1980 e 2008. Os finais da década de 1960 e os começos da de 1970 não se limitam a ser importantes devido à crise do petróleo e à estagflação: a deci-

* Em junho de 2018. (N. T.)

são tomada por Nixon de desligar o dólar do padrão-ouro assinalava uma mudança de rumo muito mais radical na base do funcionamento do sistema capitalista.

Na realidade, nos finais da década de 1960, a economia dos Estados Unidos deixava de ter a capacidade de continuar a reciclar os seus excedentes orientando-os para a Europa e para a Ásia, porque os seus excedentes se tinham transformado, entretanto, em défices. Por conseguinte, em 1971, o governo americano reagiu ao seu declínio por meio de um audacioso movimento estratégico: em vez de tentar travar os défices crescentes da nação, decidiu optar pela via contrária e dilatá-los ainda mais.

E quem pagaria a conta? O resto do mundo!

Na ribalta

Como? Através de uma transferência permanente de capitais que cruzavam a todo o momento os dois grandes oceanos, a fim de financiarem o défice americano. Assim, este último começou a operar, nos termos adotados por Varoufakis no seu *Global Minotaur*,

como um aspirador gigantesco e a absorver o excedente em bens e capitais dos outros países.

Embora este “arranjo” fosse a encarnação do maior desequilíbrio imaginável à escala planetária, deu origem, no entanto, a qualquer coisa que se assemelhava a um equilíbrio global — um sistema internacional de fluxos financeiros e comerciais assimétricos em rápida aceleração, capazes de proporcionar uma aparência de estabilidade e crescimento sustentado.

Alimentados por este défice, os excedentes das economias mais importantes do mundo (como a alemã, a japonesa e, mais tarde, a chinesa) continuaram a produzir maciçamente bens que a América, por seu turno, absorvia. Quase 70 por cento dos lu-

ros globalmente obtidos pelos referidos países eram depois transferidos de novo para os Estados Unidos, sob a forma de fluxos de capital dirigidos para Wall Street. E que fazia Wall Street, a seguir? Transformava esses fluxos de capitais em investimentos diretos, quotas de mercado, novos instrumentos financeiros, novas e velhas formas de empréstimos, etc.

Este crescente equilíbrio comercial negativo demonstra que os Estados Unidos desempenham aqui o papel de predador não-produtivo: nas últimas décadas, teve de absorver diariamente um fluxo de mil milhões de dólares vindo de outras nações para pagar o seu consumo, tornando-se assim o consumidor universal keynesiano que assegurava o funcionamento da economia mundial. (Não é preciso dizer mais, tendo em conta a ideologia económica antikeynesiana que hoje parece prevalecer!)

Esta afluência, que é de facto como os tributos pagos a Roma na Antiguidade (ou os sacrifícios oferecidos ao Minotauro pelos gregos antigos), assenta num mecanismo económico complexo: os Estados Unidos são “objeto de confiança” enquanto centro seguro e estável, o que faz que todos os outros, dos países árabes produtores de petróleo à Europa Ocidental e ao Japão, e hoje a própria China, invistam os seus excedentes e lucros na América.

Partilha amigável

Uma vez que a “confiança” é principalmente ideológica e militar, e não económica, o problema para os Estados Unidos está em justificar o seu papel imperial — justificação que organizam através de um estado de guerra perpétuo.

Tiveram, para o efeito, de inventar a “Guerra ao Terrorismo”, oferecendo-se como protetores universais de todos os outros Estados “normais” (por oposição a “malfeitores”). Deste modo, é o globo no seu conjunto que tende a funcionar como uma